



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

O PLANTIO E A COLHEITA DE SETEMBRO: ENTRE A VIVÊNCIA, O SIMBÓLICO E O PEDAGÓGICO - O CARURU DO ODEERE

Emily Alves Cruz Moy¹; Flavia Querino da Silva²; Ana Angélica Leal Barbosa³

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

emilymoy@hotmail.com; flaviaquerino4@hotmail.com; aabarbosa@uesb.edu.br

Resumo: Este artigo tem como objetivo discutir sob a perspectiva do simbólico a educação e cultura afro-brasileira no caruru do ODEERE. O ODEERE- Órgão de Educação e Relações Étnicas da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia tem contribuído para ampliação das discussões sobre as temáticas étnico-raciais, diversidade sexual e gênero, e também à implantação de políticas de ações afirmativas para Afro-brasileiros, indígenas e LGBTTI, possibilitando o avanço da universidade a além-muros institucionais, e por outro lado ressignificando o conceito de espaço acadêmico. De forma etnográfica analisamos o Caruru de Cosme e Damião, Erês, Wunjes e Ibejis, evento promovido pelo órgão, sob a lógica simbólica, dos saberes e práticas pronunciados através do rito e do mito no processo de ensino/aprendizagem.

Palavras-chave: Relações Étnicas, Símbolos, Educação simbólica, Cultura Afro-brasileira e Caruru.

¹ Autora. Mestranda em Relações Étnicas e Contemporaneidade pelo Programa de Pós Graduação em Relações Étnicas da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, bacharel em Administração e especialista em Antropologia com ênfase em cultura Afro-brasileira.

² Co-autora. Mestranda em Relações Étnicas e Contemporaneidade pelo Programa de Pós Graduação em Relações Étnicas da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – bolsista pelo financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal – CAPES, graduada em Pedagogia (UNIME – Itabuna) e especialista em Psicopedagogia (ISEO – Itabuna).

³ Orientadora. Doutora em Ciências Biológicas pela UFPR. Professora Plena do Departamento de Ciências Biológicas da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, campus de Jequié.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Introdução

As bandeiras brancas saúdam quem chega, o vento as balançam e elas dançam em festa. O cheiro de dendê e quiabo se espalham pelo ar, a casa está cheia é dia do tradicional caruru no ODEERE. O momento tão esperado havia chegado. Foi tudo calculado, planejado, articulado durante todo o ano, um ano que começa em setembro, que é o mês de Cosme e Damião, Erês, Wunjes e Ibejis. O branco das bandeiras espalha-se pelas vestes de alguns que amarram em suas cabeças panos também brancos, dentre os presentes alguns brancos, e a maioria de outros não-brancos. Pés descalços andando por todos os lados, carregando tachos, gamelas e caldeirões. É muita gente antiga, muita gente nova, é gente de todo tempo e lugar. Num ritual simbiótico entre a ordem e a desordem, o visível e invisível, o verbal e o não verbal, e ali fluem as contendas nos terreiros daquele espaço. Propomo-nos como objetivo discutir sob a perspectiva do simbólico a educação e cultura afro-brasileira no caruru do ODEERE.

Metodologia

Nas investigações sobre o simbólico, iremos nos deparar com elementos culturais, constitutivos de subjetividades. E para tanto, se faz necessário à utilização de um método que permita o uso da sensibilidade para análise dos dados. Por tratar-se de uma pesquisa qualitativa, valemo-nos da etnografia, como método de trabalho. A etnografia como metodologia, fornece subsídios para pensarmos as relações que produzem as interpretações culturais, possibilitando a triangulação das técnicas elencadas que foram a observação participante, análise documental e entrevistas.

Angrosino(2009) entende que a etnografia baseada na teoria crítica busca abarcar a multiplicidade de enfoques no estudo da sociedade e da cultura contemporânea, e sua coerência central está na utilização da ciência social para provocar as conjecturas das instituições dominantes da sociedade. A prática etnográfica faz suas análises a partir do modelo discursivo levando em consideração a intersubjetividade de toda fala, revelando que todo o “eu” que fala constrói seu discurso da relação com o outro, dimensionando assim o lugar de fala. Uma etnografia bem elaborada deve levar em consideração o lugar de fala, a representatividade e a performance, elementos estes que só poderão ser desvendados com a



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

imersão do pesquisador ao campo de pesquisa, através da observação atenta e da integração-participativa do cotidiano dos sujeitos. Por essa relação de aproximação, Clifford (2011, p. 42) defende que “não há nenhuma posição neutra no campo de poder dos posicionamentos discursivos, numa cambiante matriz de relacionamentos de *eus* e *vocês*”. Tão logo afastada a ilusão da “descrição precisa” do ponto de vista do sujeito, entretanto, ainda em busca da descrição mais próxima, faz-se necessário o uso de alguns aparatos metodológicos que validem a intersubjetividade.

O ODEERE

Num cenário que conta com as dificuldades de encontrar docentes preparados para ensinar os saberes da História e Cultura Africana e Afro-brasileira dificultando a implementação das leis 10639/2003 e 11645/2008, surge o ODEERE- Órgão de Educação e Relações Étnicas da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia instituído em 2005, buscando sempre trabalhar em parceria com a Prefeitura Municipal de Jequié, instituições públicas de ensino de Jequié e região, Associações que tenham como objetivo principal o trato com a educação, cultura, e valorização do social. Recentemente tendo seu espaço físico passado por uma reforma parcial, hoje pode contar com seis (06) salas de aulas, uma sala reservada ao acervo museológico cultural, e biblioteca com material impresso e virtual. O ODEERE tem contribuído para ampliação das discussões sobre as temáticas étnico-raciais, diversidade sexual e gênero, e também à implantação de políticas de ações afirmativas para Afro-brasileiros, indígenas e LGBTTI.

Atualmente estão vinculados ao ODEERE: O grupo de pesquisa “Educação e Relações Étnicas: saberes e praticas dos Legados Africanos, Indígenas e Quilombolas”, certificado pelo CNPq, o grupo abarcar as discussões elencadas por pessoas da comunidade, docentes e discentes da UESB e de outras instituições; O Projeto ERÊ, que visa educar crianças e adolescentes para desde cedo conviver com as diferenças, bem como, conhecer a história da cultura material e não material africana e afro-brasileira, e educar-se para positivar a identidade Afro-Brasileira; Curso de Extensão em Educação e Culturas Afro-brasileiras, que tem como objetivo desenvolver estudos sobre a História Cultural das populações africanas e Afro-brasileiras; Curso de Extensão em Cultura Indígena, visando apresentar e discutir aspectos relacionados às culturas indígenas; Curso de Extensão em Gênero, Raça e



Diversidade Sexual, visa compreender os processos de violência que acometem as mulheres e a comunidade LGBTTI (lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e intersexuais) e desenvolver intervenções a fim de garantir o reconhecimento dos direitos humanos dessa comunidade; Curso de aperfeiçoamento em Didática para o Ensino de História e Culturas Afro-brasileiras, com o objetivo de desenvolver entre os participantes, atividades didático-metodológicas que contribuam para a melhoria e a profissionalização do processo ensino-aprendizagem de História e Culturas Africanas e Afro-Brasileiras. O público-alvo são professores e pesquisadores que já concluíram o curso de Extensão em Educação e Culturas Afro-brasileiras; o recentemente implantado Curso de Extensão em Educação Quilombola que tem como objetivo desenvolver estudos sobre a história cultural de populações quilombolas e afro-brasileiras; Além do Curso de Pós Graduação Lato Sensu em Antropologia com Ênfase em Culturas Afro-brasileiras; e o Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade (PPGREC), com o objetivo de formar profissionais para o trabalho com a educação das relações étnicas, de gênero e sexualidades.

Além de grade de cursos, projetos e grupos de pesquisa o ODEERE, ainda cede seu espaço físico, viabilizando a projetos da comunidade do bairro Pau Ferro, como os grupos de dança afro, e capoeira, e ainda o grupo de convivência da melhor idade. Além do caruru o órgão organiza ainda, todos os anos, eventos de grandes proporções: Dia de Combate à Discriminação Étnica, que ocorre no dia 21 de março, com o objetivo de promover a discussão acerca das problemáticas referentes ao racismo através de atividades que levem os cidadãos e cidadãs a refletirem acerca de questões que têm provocado separatismos, intolerâncias, preconceitos com a própria identidade; e a Semana de Educação da Pertença Afro-brasileira, que é um evento de amplo alcance que visa reunir na cidade de Jequié/Ba pesquisadores/as de diversas Instituições de Ensino e pessoas interessadas pelas temáticas da Educação, Relações Étnicas e Culturas Afro-brasileiras a fim de: discutir a referida temática.

Neste sentido, o ODEERE tem possibilitado o avanço da universidade a para além-muros institucionais, e por outro lado ressignificando o conceito de espaço acadêmico.

O CARURU



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

O caruru do ODEERE assume várias configurações. Numa primeira perspectiva, toma o papel de proposta didática, o caruru é uma atividade acadêmica de culminância dos cursos de extensão realizados pelo órgão. E visa o fortalecimento da prática de ensino aprendido com foco na vivência, por meio da realização de oficinas onde os alunos, aprendem a preparar o caruru de formas tradicionais, apurando o olhar para os elementos da cultura Afro-brasileira. Esse tipo de abordagem pedagógica evita a separação entre o ensino e sua efetividade na vida, que é um dos grandes distúrbios do sistema de ensino escolar. Wanda Medrado Abrantes (2002) trata desse tipo de pedagogia como um método que evidencia outras proposições educacionais além da capacidade de cognição, ela questiona “como pensar a possibilidade de uma educação que privilegie exclusivamente a dimensão cognitiva, quando outras dimensões sangram pelo corpo?”. O saber adquirido numa dimensão mais ampla ao conteúdo, a relação entre a experiência e o aprendizado atrelando o sujeito às subjetividades da sua identidade ancestral.



Fotografia tirada no caruru do ODEERE em 27 de setembro de 2014.

Uma atividade pautada na educação simbólica que segundo Carlos Amadeu Botelho Byington(1996) faz uso de uma pedagogia de relacionamentos que proclama a transformação individual, cultural, social, mas também exercida através de símbolos e funções estruturantes que englobam as dimensões corpo, natureza, sociedade e ideias, imagens e emoções, além da



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

capacidade de se inserir o que se aprende no sentido do processo existencial. Segundo Thompson (1995),

“A concepção simbólica muda o foco para um interesse com simbolismo: os fenômenos culturais, de acordo com esta concepção, são fenômenos simbólicos e o estudo da cultura está essencialmente interessado na interpretação dos símbolos e da ação simbólica” (p.166)

Impulsionados pelos processos de letramento, é comum discernirmos o espaço escolar institucional como o maior lugar detentor dos saberes mais relevantes a vida. As demandas, cada dia mais crescentes de conteúdos conceituais favorecem o esvaecimento e a valorização do ensino aprendizagem mais voltadas a real transformação do sujeito, principalmente nas alterações sobre as diversidades culturais, étnicos-raciais e de gênero. Para Sodré(2005, p.37), a “cultura é o modo de relacionamento humano com seu real”, e para que esse real tenha um sentido, a cultura opera através dos símbolos para significação do real, entretanto, o real é aquilo que contrastando a toda caracterização absoluta, se apresenta como único, estritamente singular. Assim, a educação não precisa necessariamente de espaços formais para sua efetivação, a educação acontece em lugares diversos, pois se dá a partir da relação do sujeito com o seu real, seja, no âmbito familiar, escolar/acadêmico, comunitário, religiosos, político, artístico, e filosófico. O sujeito através do processo de autoconhecimento ou individualização identifica-se menos com os comportamentos e valores encorajados pelo meio onde está inserido e mais com as orientações provindas de si mesmo ou totalidade, adquiridas por suas experiências no traquejo com a vida.

“Nunca tive, e ainda não tenho, a percepção do sentimento da minha identidade pessoal. Apareço perante mim mesmo como lugar onde há coisa que acontecem, mas não há o ‘Eu’, não há o ‘mim’. Cada um de nós é uma espécie de encruzilhada onde acontecem coisas. As encruzilhadas são puramente passivas; há algo que acontece nesse lugar. Outras coisas igualmente válidas acontecem noutros pontos. Não há opção é uma questão de possibilidades”. (LEVI-STRAUSS, 1978, p. 14)

Levi-Strauss(1978), simboliza o “Eu”, como um lugar, metaforizando com uma encruzilhada, onde o processo de significação acontece diante as possibilidades. A Educação Simbólica, tratada por Byinton(1996) como Pedagogia Simbólica, propõe-se extrapolar os limites propostos pelo ensino tradicional, e estimular a separação do sujeito e objeto, bem como o excesso de verbalismo sem a vivência correspondente, aproximar a experiência ao



ensino aprendido. O ensino baseado no materialismo pode acarretar alienação no ensino do trabalho e da coletividade, gerando o desinteresse sobre os valores subjetivos da cultura.

Através da Educação Simbólica propõe um saber do todo através da vivência das partes, possibilitando ao aluno conhecer melhor a si mesmo e ao outro, facilitando o seu processo de identidade, por meio das relações afetivas emocionais.

“Quando percebemos que o símbolo forma o Eu, situamos a aquisição da simbolização do Eu como uma etapa do seu desenvolvimento que é antecedida pela atividade estruturante coordenada pelos padrões arquetípicos, para formar e transformar o Eu. Esta atividade simbólica transegióica perdura durante toda a vida e será o coração da Pedagogia Simbólica.” (BYINTON, 1996, pp. 23-24)

Para estimular a capacidade de simbolização do Eu, antes é necessário compreender que o desenvolvimento da identidade do Eu e do Outro na consciência é um arquétipo articulado através da vivência e elaboração emocional dos símbolos estruturantes do cotidiano de cada um, emergindo sempre questões como o objetivo e o subjetivo. A imigração das ideias separa as produções culturais do sistema de referenciais teóricos em relação as quais as ideias se definiram, consciente ou inconscientemente, nesses processos os símbolos são reconhecidos. As imagens, os símbolos e os mitos respondem a uma necessidade e preenchem a função de revelar as mais secretas modalidades do ser.

Numa outra perspectiva, podemos notar o caruru do ODEERE assumindo um arranjo de interação, como o ritual anual promovido pela universidade com o objetivo de integrar com a comunidade. A academia abre suas portas para receber os grupos, famílias, e vizinhos para troca de experiências e saberes, em resposta às contribuições dadas aos projetos que ali acontecem. O comer junto aqui é visto como um ritual de ajuntamento tem o valor simbólico da aproximação, de prosperar o pertencimento. A comida é oferecida a comunidade do Pau Ferro, bairro onde está localizado o ODEERE, logo pode ser visto como a sacralização dos laços de amizade com as pessoas do lugar. Porque o ODEERE só é ODEERE, por estar no lugar onde está. Vale ressaltar que o ODEERE é um anexo da universidade, localizado num bairro periférico, o que trás características simbólicas ao espaço, como por exemplo, nas relações de troca representadas através da afinidade com os comerciantes, grupos religiosos que utilizam do espaço para suas reuniões, o grupo da terceira idade que se encontram toda



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

semana por lá, grupos de atividades culturais que fazem seus ensaios, além do grupo de capoeira que treinam e também com os vizinhos que sabem que se precisarem de algumas ervas pra chá, banho, tempero sabe que encontrarão cultivadas nos jardins, tanto eles coletam como também levam mudas para serem plantadas. Sem falar das crianças que participam do projeto Erê, e mesmos nos dias que não tem atividade volta e meia estão brincando pelas árvores. O caruru estreita essas ligações.

Em uma terceira análise, o caruru como o ritual de plantio e de colheita. Marise de Santana e Edson Ferreira (2013) salientam que “o culto no mês de setembro não é aleatório, é especialmente na primavera, tempo do renascer da vida, da germinação das plantas, do acasalamento dos animais”. Pode-se notar tal simbologia permeando a forma como é estabelecido o caruru do ODEERE. Todos os anos aumenta-se a quantidade de bocas para alimentar, e o órgão não dispõe de recurso que custeie o evento. Tudo que é servido é doado. Doado por pessoas que já participaram de alguma atividade promovida pelo órgão, por ex-alunos, professores, coletivos parceiros. Por pessoas que entendem a doação como uma retribuição simbólica da dádiva adquirida. O plantio do que já foi ou será colhido. E algumas vezes o “eu” quem planta não intenciona a colheita direta, planta pela permanência da árvore para que frutifique e mantenha viva a causa e procriação das sementes.

E por fim, tem a concepção do caruru como reprodução histórica cultural. O que nos leva a especular os cenários percorrido pelo ritual para tornar-se o que é. As conjunturas, ressignificações e confluências simbólicas que dão sentido aos elementos culturais. A chegada do negro ao Brasil revela o histórico do processo violento do sequestro africano, coordenado pela “civilização” europeia, movimentando, e sendo movimentado, pelo capitalismo emergente, em busca de braços que sustentassem a produção, justificado pela hierarquização cultural, fundado num conceito biológico evolucionista de raça. A coisificação do negro nutre a perspectiva do negro como mera ferramenta de trabalho, negando-lhe a humanidade, e edificando aí as bases da relação dicotômica eurocêntrica entre o branco e não branco no Brasil. Esse contexto opressor força a reorganização das estruturas do sentido ideológico cultural. Arrastado para um lugar estranho, o africano precisa estabelecer relações para manterem vivas suas práticas, e exercerem suas ancestralidades. Relaciona-se com os elementos naturais desse novo espaço, ressignificando e deslocando os significados,



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

instituídos em África. O valor simbólico é ajustado através das relações de poder. “O poder simbólico” (Bourdier, 1998) institui-se da relação de luta que as diferentes classes estão envolvidas para imporem a definição do mundo social conforme seus interesses. O mito exerce a função de reorganizar o sentido. Entretanto, a relação de poder utiliza-se de ‘mito’ no sentido de ‘ficção’ ou ‘ilusão’, adotamos o mito, no sentido do “mito vivo” (Eliade, 2002), que provê os arquétipos para a conduta humana, atribuindo significação e valor à existência. O pensamento mítico vincula-se a capacidade humana de estabelecer relações com a natureza. Dessa forma, o caruru pode ser visto como o ritual de confluência do mito dos gêmeos crianças, que circulava em algumas etnias africanas, os Ibejis, Erês e Wunjes encontrando no Brasil, uma relação com o mito católico cristão de São Cosme e São Damião, além de incorporar elementos de legado indígena das etnias ameríndia nativas dessas terras. O caruru do ODEERE busca contemplar essa diversidade quando trás em sua nomeação Caruru de Cosme e Damião, Erês, Wunjes e Ibejis, valorizando os elementos simbólicos dos grupos africanos trazidos para cá.

Conclusão

Segundo Luckesi (1998, p.65), “O conhecimento adequado das coisas se dá num entendimento daquilo que não se manifesta, de imediato, na aparência, porém, sim, no oculto.” O ODEERE, por meio do ritual como elemento pedagógico de transmissão de valores culturais, amolda as atividades do caruru de forma a provocarem descobertas e conhecimentos através da subjetividade da imaginação com o meio em que vivemos, levando em conta uma dinâmica de ensino que beneficia as potencialidades subjetivas individuais, desenvolvendo a criticidade, e estimulando as áreas temática da ideia, da imagem e da ancestralidade, levando em consideração as especificidades de cada sujeito. Ainda na perspectiva de Luckesi(1998) que defende que a universidade instrumentada pelo docente, quando pensa em sua proposta de trabalho deve levar em conta a realidade de seu público-alvo, os materiais, o espaço a ser utilizado e que tipo de atividade que pretende desenvolver, visando “conhecer cientificamente a nossa realidade, refletir, analisar, criar proposições novas, sugerir e avaliar; não apenas repetir e importar”(p.38), o caruru ora ritual, ora atividade de extensão, trás em si a proposta metodológica baseada nos métodos expositivos, reprodutivos e de soluções de problemas, que supõe que para que ocorra a assimilação do conhecimento é preciso ter contato com ele.

Implica que o conhecimento seja exposto, por meio do método expositivo, com o conhecimento exposto para o desenvolvimento de habilidades e formação de hábitos, é necessário o exercício do conhecimento, para tanto, imprescindível o uso do método reprodutivo, que dialoga e reitera o exercício do conhecimento exposto e do modo de agir. O conhecimento válido deve ser aplicado, então, para esse fim específico o método da solução de problemas torna-se o mais viável para a transmissão de saberes nas contendas culturais.

Referências

- ABRANTES, Wanda Medrado. **A pedagogia do gesto, do corpo, da simbologia**. In: Redes culturais, diversidades e educação/ Inês Barbosa de Oliveira e Paulo Sgarb (orgs.). Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- ANGROSINO, Michael. **Etnografia e observação participante** / tradução José Fonseca; Porto Alegre: Artmed, 2009.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução Fernando Tomaz. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A Reprodução: Elementos para uma Teoria do Sistema de Ensino**. Tradução de C. Perdigão Gomes da Silva, Ed. Vega, Lisboa, s.d.
- BYINGTON, Carlos Amadeu Botelho. **Pedagogia simbólica: a construção amorosa do conhecimento de ser**. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1996.
- ELIADE, Mircea. **Mito e Realidade**. Trad. Pola Civelli. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.
- LUCKESI, Cipriano Carlos. **Filosofia da Educação**. São Paulo: Cortez, 1994.
- LUCKESI, Cipriano; Et Al. **Fazer Universidade: Uma Proposta Metodológica**. 10ª Ed. São Paulo, Cortez Editora, 1998.
- MAUSS, Marcel. **Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca em sociedades arcaicas**. In Marcel Mauss: Sociologia e Antropologia. Tradução Paulo Neves; São Paulo: Cosac Naify, 2003.
- SANTANA, Marise de; FERREIRA, Edson Dias. **Saberes e práticas enunciados por palavras, mito e ritual**. Religiões Comparadas. Diálogo – Revista de Ensino Religioso, nº69, Fevereiro/Abril, p. 26–30, 2013.
- SODRÉ, Muniz. **A verdade seduzida, por um conceito de cultura no Brasil**; Rio de Janeiro: DP&A, 2005. 3. Ed.



STRAUSS. Lévi Claude. **Mito e Significado**. Coletivo Sabotagem. 1978.